

Receite um livro



Fortalecendo o desenvolvimento e o vínculo

A importância de recomendar a leitura para crianças de 0 a 6 anos





Sociedade Brasileira de Pediatria
Fundação Itaú Social
Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

São Paulo
2015



Realização

Sociedade Brasileira de Pediatria

Presidente

Eduardo da Silva Vaz

Secretária Geral

Marilene Augusta R. Crispino Santos

Assessora para Campanhas

Rachel Niskier Sanchez

Assessora da Campanha

Receite um livro

Filumena Gomes

Diretor dos Departamentos Científicos

Dennis Alexander R. Burns

Presidente do Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento

Ricardo Halpern

Coordenadores do Portal SBP

Eduardo Jaeger e Gil Simões Batista

Apoio ao Portal SBP

Adriana dos Santos Vergottini

Diretora de Ensino e Pesquisa

Sandra Josefina Ferraz Grisi

Assessoria de Comunicação

Maria Celina Machado

Leonardo Santos Martes

Rodrigo Santos

Apoio

Fundação Itaú Social

Vice-presidente

Antonio Jacinto Matias

Superintendente

Isabel Santana

Superintendente Adjunta

Angela Dannemann

Coordenadora de Mobilização Social

Cláudia Sintoni

Coordenação

Gabriela Jorge

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Receite um livro: fortalecendo o desenvolvimento e o vínculo: a importância de recomendar a leitura para crianças de 0 a 6 anos. -- São Paulo: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2015.

Apoio: Fundação Itaú Social, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.
ISBN 978-85-61897-17-8

1. Crianças - Livros e leitura 2. Incentivo à leitura 3. Literatura infantojuvenil 4. Livros e leitura.

15-08777

CDD-809.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Livros e leitura: Literatura infantil
809.8



Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

Diretor-presidente

Eduardo de C. Queiroz

Gerente de Comunicação

Roberta Rivellino

Coordenador de Comunicação

André Correa

Analista de Comunicação

Ana Carolina Vidal

Gerente de Conhecimento Aplicado

Eduardo Marino

Coordenadora de Conhecimento Aplicado

Gabriela Aratangy Pluciennik

Analista de Conhecimento Aplicado

Anelise de Souza Timm

Produção

Cross Content Comunicação

Coordenação

Andréia Peres

Texto e edição

Andréia Peres e Carmen Nascimento

Reportagem

Andréia Peres, Carmen Nascimento e Lilian Saback (RJ)

Revisão e checagem

Luciane Gomide

Projeto gráfico

theSign

Ilustrações

Hiro Kawahara

Gostaríamos de agradecer a colaboração de todos os especialistas entrevistados: Brian Gallagher, diretor-executivo do Reach Out and Read; Camila D'Amico, educadora; Claudia Werneck, fundadora da Escola de Gente; Cristina Seguin, psicanalista do Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo e membro do Grupo Acesso, de estudos, intervenções e pesquisas sobre adoção do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo; Eduardo da Silva Vaz, presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP); Evelio Cabrejo Parra, psicolinguista colombiano, vice-presidente da organização Ações Culturais Contra as Exclusões e as Segregações (ACCES) em Paris; Maria Virgínia Gastaldi, professora do Instituto Vera Cruz e formadora do Instituto Avisa Lá; Miriam Guerra, terapeuta ocupacional e doutora em Saúde da Criança pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Nívea Fabrício, presidente da Associação Nacional de Dificuldades de Ensino e Aprendizagem (Andea); Patrícia Bohrer Pereira Leite, psicóloga clínica e psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, coordenadora e assessora de projetos sociais e educacionais da organização A Cor da Letra (Centro de Estudos em Leitura, Literatura e Juventude); Ricardo Halpern, presidente do Departamento de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento da SBP; e Saul Cypel, neuropediatra, doutor em neurologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), pós-doutorado em neurologia infantil pelo Instituto de Neurologia da University of London (Inglaterra) e professor livre-docente em neurologia infantil pela FMUSP.



Sumário

Apresentação	8
Por que ler para a criança de 0 a 6 anos é importante?	10
O que é “ler” na primeira infância	14
Estudos sobre a leitura na primeira infância.....	19
Recomendação médica.....	22
Como colocar em prática a recomendação	24
Como abordar o tema na consulta	25
Orientações importantes para os pais.....	30
Lendo para crianças com deficiência	37
Perguntas e respostas	39



Apresentação

“Um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é brincar.”

A frase do educador Rubem Alves (1933-2014) resume bem a importância que a leitura tem para crianças pequenas.

Ler, assim como cantar, conversar ou fazer rimas para as crianças, é tão importante para o desenvolvimento na primeira infância, que a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) recomenda que os profissionais estimulem pais e cuidadores a adotarem essa prática desde o nascimento.

A intenção da publicação que você tem em mãos e faz parte da campanha “Receite um Livro” é apoiá-lo a fim de inserir de fato essa recomendação no seu dia a dia e no atendimento a todas as crianças, incluindo, claro, aquelas com deficiência, prematuras, com problemas cognitivos ou em situação de extrema pobreza pelo Brasil afora.

Este livreto traz desde orientações práticas, como sugestões de abordagem e respostas às principais dúvidas que chegam ao consultório, até evidências da importância da leitura para o desenvolvimento de crianças pequenas, com *links* para algumas das principais pesquisas já feitas sobre o assunto.



Considerados a fonte mais confiável de informações sobre o desenvolvimento do bebê para a maioria dos pais (71%)¹, os pediatras têm papel fundamental para contar mais essa história com final feliz.

Boa leitura!

Eduardo da Silva Vaz

Presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)

Eduardo de Campos Queiroz

Diretor-presidente da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

Antonio Jacinto Matias

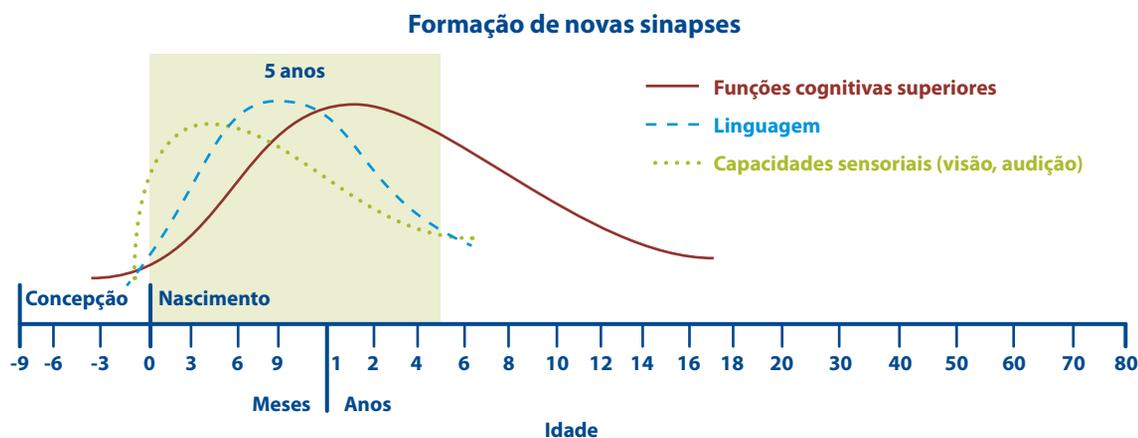
Vice-presidente da Fundação Itaú Social

1. Fonte: *Percepções e Práticas da Sociedade em Relação à Primeira Infância*, Ibope Inteligência, Instituto Paulo Montenegro e Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2012.



Por que ler para a criança de 0 a 6 anos é importante?

Os primeiros anos da vida de uma criança são fundamentais para seu desenvolvimento. Diversas pesquisas e estudos identificaram que a formação de conexões cerebrais é mais propícia nesse período, que se estende da gestação até por volta dos 5 anos de idade (*ver gráfico abaixo*).



Modificado de: NELSON, Charles A. *Neurons to Neighborhoods: The Science of Early Childhood Development*. Washington, D.C.: National Academy Press, 2000. In: *O impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem*. Estudo I. Núcleo Ciência pela Infância.

E mais do que isso, há cada vez mais evidências de que a arquitetura do cérebro é construída a partir das experiências vivenciadas. Por isso, é muito importante oferecer cuidado, afeto e estímulos o mais cedo possível à criança, até mesmo durante a gestação (*ver quadro* *Leitura desde a gravidez*), para que ela possa desenvolver de forma plena habilidades como pensar, falar, aprender e conviver.



Um dos principais estímulos que pais e cuidadores podem oferecer à criança desde a gestação até os 6 anos é a leitura. Por isso a atividade de leitura parental se tornou recomendação médica no exterior e no Brasil (*ver mais em Recomendação Médica*). Segundo Evelio Cabrejo Parra, psicolinguista colombiano, vice-presidente da organização Ações Culturais contra as Exclusões e as Segregações (ACCES), em Paris, essa atividade é tão importante na primeira infância porque está ligada à faculdade da linguagem. “O bebê, ao nascer, já vem com a capacidade de escutar. Quando se lê para ele em voz alta ou se canta uma canção de ninar, ele se põe em posição de escuta. Isso quer dizer que está tratando de construir significado à sua maneira. Por isso, é necessário alimentar essas potencialidades desde o princípio da vida”, ressalta.

Além de auxiliar o processo de aquisição da linguagem, ampliando a capacidade linguística do bebê, a leitura também amplia o vínculo afetivo entre pais e filhos, fortalecendo a estrutura psíquica e emocional da criança, o que vai ser importante para que ela se sinta segura para construir seu caminho de autonomia e de relacionamento social.

Quando a leitura se dá em contexto de afeto, a cognição é favorecida, e a criança passa a identificar o ato de ler como atividade prazerosa, o que é essencial para que se torne hábito. E, nesse caso, um hábito que lhe trará benefícios não só no campo da aprendizagem, mas também na estruturação da sua personalidade.



De acordo com Patrícia Bohrer Pereira Leite, psicóloga clínica e psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, coordenadora e assessora de projetos sociais e educacionais da organização A Cor da Letra (Centro de Estudos em Leitura, Literatura e Juventude), o afeto e a disponibilidade dos pais em transmitir a linguagem e as suas histórias aos filhos, por meio de leituras e outras formas de narrativas, é mais determinante na criação do hábito da leitura do que sua condição socioeconômica. “Em um trabalho que desenvolvemos com adolescentes de diferentes classes sociais e de diferentes regiões em São Paulo, o que distinguiu esses jovens na sua relação com a leitura não era necessariamente o nível social, e sim as experiências que tinham vivido na infância com relação à transmissão da linguagem e da leitura com os pais”, revela.

No projeto realizado, pais que, apesar de pouco instruídos e até, em alguns casos, analfabetos, mas que tiveram disponibilidade de presença e na transmissão de sua cultura, por meio de momentos em que contam suas histórias e da tradição popular, cantam e recitam cordéis aos filhos e até mostram a eles livros com figuras quando têm acesso, por exemplo, possibilitaram que a criança estabelecesse interesse pela leitura e boa ligação com as práticas culturais que envolvem a linguagem. Por outro lado, pais que possuíam melhor grau de instrução, com acesso a mais recursos, porém sem tempo ou disponibilidade para conversar e ler com os filhos, em alguns casos, provocaram o efeito oposto, segundo a psicóloga².

2. Segundo Patrícia Pereira Leite, experiências semelhantes podem ser encontradas no site da ACCES (www.acces-lirabebe.fr), nos livros de Marie Bonnafé, *C'est bon pour les bébés* (Paris/França: Calmann-Lévy, 1994, 2001, 2011) e *Langages et activités psychiques de l'enfant* (Paris/França: Edition Papyrus, 2004), e na obra de E. Ferreiro e H. Sinclair et al. *Production de notation chez le jeune enfant* (Paris: P. U. F., 1988).



Benefícios da leitura na primeira infância

- Fortalece o vínculo com quem lê para ela, os pais e outros familiares.
- Desenvolve a atenção, a concentração, o vocabulário, a memória e o raciocínio.
- Estimula a curiosidade, a imaginação e a criatividade.
- Ajuda a criança a perceber e a lidar com os sentimentos e as emoções.
- Possibilita à criança conhecer mais sobre o mundo e as pessoas.
- Favorece a aquisição do hábito de ouvir e ler histórias.
- Auxilia no desenvolvimento da empatia (a capacidade de colocar-se no lugar do outro).
- Desenvolve a extroversão, a amabilidade e a conscienciosidade (autoeficácia).
- Ajuda a minimizar problemas comportamentais, como agressividade, hiperatividade e comportamento arredoio.
- Auxilia na boa qualidade do sono.
- Desenvolve a linguagem oral.

Fontes: Evelio Cabrejo Parra, Ricardo Halpern e Patrícia Pereira Leite.





“Contar histórias sem livros também é uma prática importante, pois caracteriza um momento de extrema conexão entre a criança e o cuidador. Além do conteúdo que está sendo passado, há troca de olhares e contato afetivo, que são muito importantes para a criança desde os primeiros meses de vida.”

(Ricardo Halpern)

O que é “ler” na primeira infância

E o que pode ser considerado “leitura” para bebês e crianças pequenas?

De acordo com o médico pediatra Ricardo Halpern, presidente do Departamento de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), a leitura na primeira infância tem uma definição mais ampla do que apenas ler em voz alta o que está nos livros.

“Contar histórias sem livros também é uma prática importante, pois caracteriza um momento de extrema conexão entre a criança e o cuidador, já que, além do conteúdo que está sendo passado, há troca de olhares e contato afetivo, que são muito importantes para a criança desde os primeiros meses de vida”, afirma Halpern. “Mesmo que a criança com poucos meses não consiga ainda compreender o significado das palavras, ela compreende as expressões faciais, o gesto de carinho e a suavidade do tom de voz. Por isso, esses são momentos de interação muito significativos”, completa.

Cabrejo Parra explica que o bebê é muito sensível à entonação da voz, e é graças a ela que começa a construir significado. O especialista ressalta que a língua da vida cotidiana está cheia de ordens (“não mexa”, “escove os dentes” etc.). Por isso, é necessário oferecer às crianças outra língua, isto é, a da escuta, da leitura em voz alta. “Quando a criança está escutando com toda a liberdade, ela pensa no que pode e como pode, e apreende o que necessita”, explica.



E a literatura tem papel importante nessa construção de significado, porque apresenta às crianças a fantasia, por meio das personagens e das histórias narradas. Assim, elas começam a usar a imaginação e a criatividade para lidar com sentimentos e emoções e vivenciar diferentes situações. Dessa forma, vão enriquecendo e ampliando suas experiências com o mundo que as cerca e com as pessoas com quem se relacionam, além de se conhecerem melhor.

“Para a criança se construir como sujeito, ela tem que calar muitas coisas. E entre os personagens das histórias sempre há aqueles que fazem pequenas transgressões. Então, ela pode viajar no desejo de ser um dos personagens sem estar fazendo mal a ninguém. É preciso deixar a criança viajar imaginariamente, tudo isso é muito importante para que ela se desenvolva”, afirma Cabrejo Parra.

Mesmo os pais que não sabem ler podem fazer isso por seus bebês, cantando canções de sua infância e contando as histórias orais da sua família ou lendas da sua comunidade. “Afim, o livro surgiu há pouco tempo, mas o relato está ligado à origem da humanidade. E o relato tem um papel muito importante no desenvolvimento psíquico e cultural da criança”, diz o especialista. Por isso, é preciso oferecer à criança formas variadas de linguagem: as cantigas de roda e de ninar, os trava-línguas, as parlendas, as lendas, as narrativas da tradição oral popular, as rimas, os jogos e as brincadeiras.

“O bebê, ao nascer, já vem com a capacidade de escutar. Quando se lê para ele em voz alta ou se canta uma canção de ninar, ele se põe em posição de escuta. Isso quer dizer que está tratando de construir significado à sua maneira.”

(Evelio Cabrejo Parra)



A importância do texto escrito

- Apresenta frases completas, sem omissões típicas da fala.
- Respeita a concordância de tempo e dessa forma ajuda a compreender a ordem natural dos eventos.
- Utiliza algumas categorias gramaticais com maior frequência do que a fala, especialmente advérbios, preposições, conjunções e pronomes.
- Introduce personagens diversos, que permitem à criança sair de si e estabelecer relações de previsibilidade de comportamentos, sentimentos e ações.
- Estimula e permite à criança memorizar, decorar, repetir palavras e frases, antecipar cenas e, dessa forma, ampliar seu repertório semântico e sintático.

Fonte: *Guia IAB de Leitura para a Primeira Infância*.

No entanto, a literatura tem papel fundamental no desenvolvimento da linguagem. Por isso, os livros devem fazer parte do universo do bebê desde o nascimento. “Os bebês são pequenos pesquisadores. Quando os pais estão lendo, eles descobrem a estrutura da linguagem e, pouco a pouco, percebem que são as imagens e as letras que fazem os pais contarem as histórias”, explica Patrícia Pereira Leite. Assim, a criança vai descobrindo, aos poucos, que as letras são símbolos e que os textos contêm significados.



A importância da oralidade

- Contribui para o desenvolvimento das relações sociais.
- Desenvolve habilidades como falar e escutar.
- Trabalha a pronúncia das palavras.
- Promove maior consciência fonológica.
- Permite à criança conhecer e apropriar-se do universo discursivo.
- Permite à criança sentir-se parte da comunidade a que ela pertence.

Além disso, os livros são objetos culturais importantes com os quais as crianças precisam se familiarizar desde cedo, já que terão de lidar com ele durante toda a vida – tanto no âmbito escolar quanto nos âmbitos profissional e pessoal. Segundo Cabrejo Parra, diversos estudos mostram que o fracasso em relação à aquisição da leitura e da escrita é maior entre as crianças de classes sociais em que não havia o hábito de ler livros. E isso ocorre porque, quando essas crianças vão à escola, não estão familiarizadas com o objeto



livro e acabam sendo corrigidas o tempo todo pelo professor. “O livro se converte em uma fonte de angústia. Uma vez que isso acontece, a criança vai se fechando psicicamente e depois pode não querer mais saber do livro. Isso pode levar ao fracasso de aprender a ler e a escrever”, revela.

Os livros de imagens são formas atraentes e interessantes de começar a ensinar as crianças a manusear esses objetos e a entender a estrutura das histórias. Eles expõem a criança ao mundo da linguagem de forma lúdica. “O bebê, aos quatro meses, já pode olhar as imagens de um livro, como a pessoa que lê para ele está olhando. Então começa a realizar uma atividade compartilhada. E isso é muito importante, porque, de modo natural, quase como brincadeira, se está dando ao bebê uma maneira de interiorizar o léxico de formas que lhe permite pensar o mundo exterior. Afinal, a palavra “cavalo” não dá a forma do cavalo, é necessário mostrar-lhe a imagem do cavalo para que ele possa interiorizá-la”, explica Cabrejo Parra.



Estudos sobre a leitura na primeira infância

Diversos estudos científicos revelam que a interação verbal entre a criança e seus pais ou cuidadores tem impacto no desenvolvimento da linguagem, na capacidade da criança de dar respostas verbais e na sua vocalização. “Além disso, também auxilia a criança para a prontidão escolar e no desenvolvimento cognitivo futuro. A estimulação cognitiva através de atividades como leitura e brincadeiras é importante para a aquisição de habilidades intelectuais no futuro”, relata Ricardo Halpern.

Segundo ele, um estudo realizado no Brasil com crianças de 2 anos de idade mostrou que entre os principais fatores de risco para atraso no desenvolvimento estavam questões como ausência de materiais de literatura infantil em casa e de alguém que pudesse contar histórias à criança na semana anterior à entrevista. “As crianças que não tinham livros em casa e aquelas a quem não haviam sido contadas histórias tinham duas vezes mais chance de apresentar atraso no desenvolvimento. Esse risco foi maior do que ter nascido com baixo peso”, afirma o médico³.

3. Moura DR, Costa JC, Santos IS, Barros AJ, Matijasevich A, Halpern R, Dumith S, Karam S, Barros FC. *Risk factors for suspected developmental delay at age 2 years in a Brazilian birth cohort*. Paediatr Perinat Epidemiol. 2010 May;24(3):211-21. doi: 10.1111/j.1365-3016.2010.01115.x. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20415750#>.



Conheça, a seguir, algumas das principais pesquisas sobre os impactos da leitura na primeira infância:

Literacy Promotion in Primary Care Pediatrics: Can We Make a Difference?

High PC, LaGasse L, Becker S, Ahlgren I, Gardner A. Pediatrics. 2000; 105(4 Pt 2): 927-934.

Disponível em: http://pediatrics.aappublications.org/content/105/Supplement_3/927.full.pdf

O estudo mostra como a oferta de livros e materiais de estímulo à leitura entregues às famílias como parte dos cuidados com a saúde infantil fez com que os pais passassem a ler mais para os filhos, o que foi associado com maior desenvolvimento da linguagem entre essas crianças.

The 30 Million Word Gap: the Role of Parent-Child Verbal Interaction in Language and Literacy Development

Annie E Casey Foundation Campaign for Grade-Level Reading: 3rd Grade Reading Success Matters

Disponível em: www.aecf.org/m/resourcedoc/aecf-30millionwordgap-2011.pdf

A pesquisa revela que há relação estreita entre o sucesso acadêmico das crianças com idades de 9 e 10 anos e a interação verbal com os pais durante os primeiros anos de vida.

Exposure to Reach Out and Read and Vocabulary Outcomes in Inner City Preschoolers

Sharif I, Reiber S, Ozuah PO. J Natl Med Assoc. 2002;94(3):171-177.

Disponível em: www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2594107/

O estudo identificou associação positiva entre a exposição ao programa Reach Out and Read (*ver mais no quadro* O exemplo do Reach Out and Read) e melhores níveis de vocabulário e de leitura em casa.

On intergenerational transmission of reading habits in Italy: Is a good example the best sermon?

Mancini AL, Monfardini C, Pasqua S. Discussion Paper series, Forschungsinstitut zur Zukunft der Arbeit. 2011; No. 6038.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/10419/58803>

A pesquisa mostra que as crianças são mais propensas a ler e estudar quando vivem com pais que têm o hábito de ler. Os resultados também apontam que as mães são mais importantes do que os pais nesse tipo de transmissão intergeracional.



The Effect of Parental Time Investments: Evidence from Natural Within-Family Variation

Price J. Department of Economics. Brigham Young University and NBER.

Disponível em: http://www.uvic.ca/socialsciences/economics/assets/docs/pastdept-4/price_parental_time.pdf

A pesquisa analisa o efeito do investimento de tempo dos pais sobre os resultados dos testes de leitura dos filhos. Os resultados revelam que um dia de leitura familiar a mais por semana durante os primeiros dez anos de vida aumenta o desempenho das crianças nesses testes.

Parent-Child Reading Increases Activation of Brain Networks Supporting Emergent Literacy in 3-5 Year Old Children: An fMRI study

John S. Hutton, Tzipi HorowitzKraus, Thomas DeWitt, Scott Holland. General & Community Pediatrics, Cincinnati Children's Hospital Medical Center, Cincinnati, OH.

Disponível em: www.abstracts2view.com/pas/view.php?nu=PAS15L1_1355.8

O estudo aponta que disparidades no ambiente cognitivo doméstico podem impactar de forma dramática o desempenho e a saúde das crianças e que a leitura entre pais e filhos tem se mostrado eficiente para melhorar certas habilidades de linguagem, como associar significado a imagens visuais e palavras.

A longitudinal study of preschoolers' language-based bedtime routines, sleep duration, and well-being

Hale L, Berger LM, LeBourgeois MK, Brooks-Gunn J. Journal of Family Psychology. 2011; 25(3):423-433.

Disponível em: <http://psycnet.apa.org/journals/fam/25/3/423/>

Esse estudo identificou associação positiva entre rotinas de dormir baseadas na linguagem e na duração do sono noturno e os resultados de testes verbais, bem como melhora no bem-estar e na saúde geral da criança. Essas rotinas também foram inversamente associadas a problemas de comportamento (ansiedade, isolamento e agressividade).





Recomendação médica

A American Academy of Pediatrics (AAP) divulgou em 2014 uma recomendação para que os pediatras promovam a leitura durante as consultas regulares desde a primeira infância até pelo menos o ingresso das crianças na pré-escola, inclusive com a oferta de livros infantis nos consultórios. Assim como a AAP, a SBP considera, entre as suas recomendações sobre promoção de saúde e prevenção de problemas, que o hábito de contar histórias para as crianças se constitui em uma das medidas mais importantes para seu desenvolvimento.

Veja, a seguir, o que a AAP e a SBP sugerem aos pediatras:

- Informem a todos os pais que ler em voz alta para seus filhos desde o nascimento pode enriquecer o relacionamento e as interações entre pais e filhos, o que aumenta o desenvolvimento social e emocional das crianças e, ao mesmo tempo, constrói circuitos cerebrais que as preparam para aprender as habilidades de linguagem e alfabetização.
- Orientem os pais a mostrar as ilustrações para a criança e depois deixar que ela mesma manuseie o livro. Isso enriquece o seu repertório e auxilia no desenvolvimento motor.



- Aconselhem a todos os pais que realizem atividades de leitura adequadas ao desenvolvimento de cada criança de forma que sejam prazerosas para os pais e aos filhos e que ofereçam uma rica exposição à linguagem e à escrita.
- Ofereçam livros variados cultural e linguisticamente, nas consultas e visitas a crianças em situação de risco e vulnerabilidade econômica, e identifiquem mecanismos para a obtenção desses livros de forma que não se torne um encargo financeiro para as práticas do pediatra.
- Usem um amplo leque de opções para reforçar as recomendações, incluindo cartazes e materiais informativos para os pais, mas que sejam acessíveis também para aqueles com limitações de leitura e escrita, assim como informações sobre os endereços e os serviços oferecidos por bibliotecas públicas locais e sobre mecanismos de acesso à distribuição gratuita de livros (*veja mais sobre o assunto no quadro Bibliotecas públicas no Brasil*).
- Atuem em parceria com outros atores da rede de atendimento à infância para influenciar políticas e mensagens nacionais que apoiem e promovam a leitura compartilhada na primeira infância.



Como colocar em prática a recomendação

O pediatra é o profissional que acompanha a família e a criança desde os primeiros momentos de vida. No primeiro semestre do bebê, o contato com a família acontece pelo menos uma vez por mês. Além disso, o pediatra é a fonte mais confiável de informações sobre o desenvolvimento do bebê para a maioria dos pais, de acordo com a pesquisa “Percepções e Práticas da Sociedade em Relação à Primeira Infância”, realizada em 2012 pelo Ibope Inteligência, a pedido da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) e em parceria com o Instituto Paulo Montenegro.

Por isso, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e os parceiros da campanha “Receite um livro” orientam que a importância da leitura esteja inclusa entre as recomendações de desenvolvimento e promoção de saúde que devem ser tratadas pelo pediatra em todas as visitas da família.

Segundo Brian Gallagher, diretor-executivo do Reach Out and Read, programa de incentivo à leitura na primeira infância voltado para a ação dos médicos e outros profissionais de saúde (*veja quadro* O exemplo do Reach Out and Read), a relação especial que os pediatras têm com as famílias das crianças garante que a mensagem seja levada a sério.



Como abordar o tema na consulta

Conheça algumas estratégias que podem ser usadas para tratar do tema durante as consultas:

- Mantenha um acervo de livros e revistas infantis na sala de espera e dentro do consultório para que as crianças manipulem as publicações durante a consulta. Chame a atenção dos pais para o interesse que a criança demonstra pelos livros e use a oportunidade para explicar a importância da leitura em voz alta para o desenvolvimento (*veja no quadro Livros recomendados onde encontrar sugestões para montar seu acervo*).
- Receba a criança com um livro na mão ou ofereça um para que ela manuseie durante a consulta. Assim, você se torna modelo para os pais, compartilhando o livro com a criança, e pode usá-lo para apoiar a avaliação do desenvolvimento dela.
- Coloque no consultório, ou na sala de espera, cartazes ou quadros que façam referência à importância da leitura para bebês e crianças pequenas (*veja no quadro Para saber mais como entrar em contato com ONGs e projetos de incentivo à leitura que podem fornecer esse tipo de material*).
- Pergunte aos pais se eles têm o hábito de ler ou contar histórias para os filhos. Esse é o momento de explicar a importância da linguagem para o desenvolvimento da criança e incentivar que eles leiam, conversem, cantem e brinquem com os filhos.



- Oriente os pais com pouca instrução formal ou dificuldades para ler que utilizem as ilustrações das obras e livros de imagens para conversar com as crianças sobre o que veem e até criar histórias a partir das figuras. Também estimule que contem histórias da tradição de sua família e/ou comunidade, cantem e utilizem jogos e brincadeiras para interagir de forma afetiva com os filhos.
- Estimule os pais a frequentarem bibliotecas públicas locais para pegarem livros emprestados e participarem de atividades de leitura com as crianças (*veja no quadro Bibliotecas públicas no Brasil onde encontrar os endereços desses locais na sua cidade*).
- Lembre aos pais da importância e necessidade de ter os filhos matriculados em creches ou pré-escolas de educação infantil de acordo com a idade da criança.
- Incentive os pais para que levem os filhos a espaços e/ou projetos culturais que tenham atividades específicas para bebês e crianças pequenas, a fim de que obtenham mais oportunidades de desenvolvimento.

Fontes: Evelio Cabrejo Parra, Ricardo Halpern, Patrícia Pereira Leite, Maria Virgínia Gastaldi; American Academy of Pediatric (AAP); Reach Out and Read.



O exemplo do Reach Out and Read

O Reach Out and Read é um exemplo muito bem-sucedido de programa de incentivo à leitura na primeira infância voltado para a ação dos médicos e outros profissionais que cuidam da saúde infantil. Com mais de 25 anos de existência, é formado por uma rede de mais de 21 mil profissionais e 5 mil clínicas nos Estados Unidos, beneficiando mais de 4 milhões de crianças.

Segundo Brian Gallagher, diretor-executivo do Reach Out and Read, o livro integrado à consulta também pode ser mais uma ferramenta interessante para o pediatra avaliar os marcos de desenvolvimento, a saúde emocional da criança e mesmo a sua interação com os pais.

Para saber mais: www.reachoutandread.org





Bibliotecas públicas no Brasil

Existem hoje no Brasil 6.102 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais nos 26 estados e no Distrito Federal, de acordo com dados do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), órgão subordinado ao Ministério da Cultura. Várias delas mantêm espaços e/ou programas voltados para bebês e crianças pequenas, com foco na formação de leitores.

Para saber o endereço das bibliotecas de sua cidade ou região, basta acessar o site do SNBP* e fazer a busca por estado.

Na lista do SNBP não estão inclusas bibliotecas comunitárias, pontos de leitura mantidos por entidades privadas e pessoas físicas, bibliotecas especializadas e universitárias.

Outra forma de acessar livros infantis de qualidade é o programa Itaú Criança, iniciativa da Fundação Itaú Social com a finalidade de contribuir para a educação integral infantil e que realiza anualmente a campanha Leia para uma criança. Como forma de apoiar o convite feito aos adultos para dedicarem tempo para ler para os pequenos, milhões de livros são distribuídos gratuitamente por meio do site do programa www.itaubank.com.br/crianca

**Para saber mais:* <http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas>



Livros recomendados

Atualmente existe uma oferta enorme de livros de qualidade para bebês e crianças pequenas, o que pode gerar muita dúvida para os pais na hora de escolher os mais adequados para seus filhos. E quais devem ser os critérios de escolha?

De acordo com Maria Virgínia Gastaldi, professora do Instituto Vera Cruz e formadora do Instituto Avisa Lá, ONG que atua na formação continuada de profissionais da educação infantil, não existe uma regra fixa para fazer a escolha, mesmo no que diz respeito à faixa etária. O importante é que os pais selecionem livros de que eles próprios gostem e que considerem interessantes para os filhos. “Os livros que os pais apresentam às crianças são valiosos pelo afeto envolvido no ato de ler, mesmo que elas não entendam tudo o que é lido”, explica.

Para facilitar a tarefa da escolha para os pais, indicamos a seguir listas de livros recomendados por organizações reconhecidas por seu trabalho de incentivo à leitura no país.

***Fundação Itaú Social**

Dicas de leitura

www.itaub.com.br/crianca/dicas-de-leitura/

***Programa Nacional Biblioteca na Escola (MEC)**

Guia 1 – Educação Infantil

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20407&Itemid=1134

***Instituto Alfa e Beto (IAB)**

Guia IAB de Leitura para a Primeira Infância

www.alfabeto.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Guia-IAB-parte-1.pdf

***Biblioteca básica – Educar para crescer**

<http://educarparacrescer.abril.com.br/livros/>



Orientações importantes para os pais

- O principal ponto a passar para os pais é que a leitura pode ser um momento prazeroso, tanto para as crianças quanto para os adultos. Por isso, é importante que os pais escolham livros, histórias, canções, jogos e brincadeiras de que eles também gostem e que remetam às experiências agradáveis que eles tiveram na sua infância. O foco aqui é ser espontâneo e expressar afetividade pelo bebê, e não iniciar um processo precoce de alfabetização ou realizar atividade com finalidade pedagógica.
- Outra questão fundamental é a frequência. Para que a leitura se torne hábito e contribua efetivamente para o desenvolvimento, ela deve fazer parte da rotina de cuidados do bebê, assim como a alimentação e os rituais da hora de dormir. Então, é preferível ler pequenos textos todos os dias a ler um livro inteiro em um único dia e depois esperar uma semana até a próxima leitura.
- As crianças muito pequenas já podem se interessar por boas narrativas, por isso é importante que os pais as ofereçam desde cedo e que observem e respeitem a resposta de seus filhos. Alguns vão preferir manusear o livro e observar as figuras enquanto ouvem a leitura, outros talvez fiquem mais focados na musicalidade diferente da fala.
- Do nascimento até por volta dos 3 anos, os bebês costumam manipular o livro para ganhar familiaridade com ele. Aos poucos vão compreendendo que esse objeto tem significado. Então, é bom ter livros de borracha, de plástico, de tecido e com texturas para o bebê manusear livremente e outros para a leitura propriamente dita. Nessa fase, a leitura é bem interativa, os pais conversam com a criança sobre as figuras, as formas, as palavras e os sentimentos, relacionando-os com a vida cotidiana.



Veja, a seguir, o que você pode recomendar aos pais em relação à leitura em cada fase de vida da criança.

De 0 a 5 meses

Os bebês começam a prestar atenção nos gestos dos pais e a imitar os sons. Então, os pais podem:

- Apontar as figuras que estão no livro e dizer em voz alta o nome daquilo para o qual o bebê estiver olhando.
- Virar as páginas de acordo com o interesse do bebê.
- Representar com gestos ou a voz a figura que estiver mostrando para o bebê.
- Imitar os sons que o bebê faz e observar sua reação.

De 6 meses a 1 ano

Os bebês já conseguem se sentar, segurar os livros e também colocá-los na boca. Nessa fase, os pais podem:

- Nomear as figuras que o bebê aponta no livro ou aquelas em que ele fica interessado.
- Ajudar o bebê a virar as páginas do livro.
- Transmitir o clima da história por meio da entonação da voz, de gestos e de expressões faciais.
- Conversar com o bebê e fazer perguntas sobre as coisas que ele está ouvindo ou fazendo. Por exemplo: “Olha o cachorrinho. O cachorrinho faz au-au”.
- Seguir as indicações do bebê para ler mais, repetir ou parar.



De 1 ano a 2 anos

Nessa fase, a criança consegue escolher um livro favorito e entregar aos pais para que leiam. Também aponta as figuras e copia as expressões e os gestos do adulto que está lendo para ela. Assim, os pais podem:

- Usar diferentes vozes para representar os diversos personagens das histórias.
- Fazer perguntas para que a criança responda apontando. Por exemplo: “Onde está o gato?”, “Quem faz miau?”.
- Incentivar que ela faça o som de determinado animal. Por exemplo: “Como a vaca faz? Mu!”.
- Sorrir e responder quando a criança falar ou apontar.
- Deixar a criança virar as páginas do livro.
- Ler a mesma história várias vezes se a criança quiser.
- Acrescentar mais palavras quando a criança apontar uma imagem. Por exemplo: “Menina. Essa menina é bonita”.
- Fazer outras perguntas sobre as figuras que ela apontar. Por exemplo: “Cadê o cabelo da menina?”, “E o cabelo da mamãe?”, “E o seu cabelo?”.

- Nomear e demonstrar ações e emoções nas histórias. Por exemplo: “A menina está rindo”. E então rir para o bebê.
- Levar sempre um livro quando sair com o bebê e ler para acalmá-lo ou distraí-lo.

De 2 a 4 anos

Essa é a fase em que as crianças mais gostam de exercer a previsibilidade e, por isso, gostam que os pais contem as mesmas histórias várias vezes. Também repetem palavras e frases e participam mais da leitura. Os pais podem:





- Fazer perguntas sobre as imagens do livro para que a criança responda. Por exemplo: “O que é isto?”.
- Ler livros que apresentem ações que as crianças já entendem como inusitadas. Por exemplo, “Os três lobinhos e o porco mau”, ou “O cachorro que faz miau”.
- Valorizar todas as perguntas e comentários que a criança faz, pois são boas oportunidades para começar uma conversa.
- Dar espaço para que a criança faça comentários sobre alguma figura ou palavra.
- Incentivar que a criança conte sua história favorita da própria maneira.
- Levar a criança a bibliotecas e/ou livrarias para escolher livros ou ouvir histórias.
- Mostrar para a criança como as coisas que acontecem com os personagens são parecidas com algo que ela mesma já fez ou viu.
- Falar sobre os sentimentos dos personagens e perguntar se ela já sentiu a mesma coisa.
- Deixar que a criança conte o que acontece em seguida ao ler histórias já conhecidas.

De 4 a 6 anos

Nessa fase, as crianças escolhem os livros que querem que os pais leiam e fazem perguntas sobre as coisas que acontecem neles. Também corrigem os pais quando eles pulam uma parte de um livro já familiar e conseguem contar uma história conhecida com as próprias palavras. Os pais podem:

- Conversar de forma espontânea sobre os assuntos do livro.
- Ler a história do jeito que o autor escreveu, sem alterar as palavras estranhas e diferentes que ampliam o vocabulário da criança.
- Responder com interesse às perguntas e os comentários da criança.
- Levar a criança a bibliotecas e/ou livrarias para escolher livros ou ouvir histórias.
- Deixar os livros acessíveis para a criança pegar quando quiser.
- Mostrar para a criança que você está lendo as palavras do livro.

Fontes: *Guia IAB de Leitura para a Primeira Infância*; *Cartilha Primeira Infância, Primeiras Leituras (IAB)*; *Books Build Connections Toolkit*; *Reach Out and Read*.



Para saber mais

Além de recomendações de livros, várias organizações que se dedicam ao incentivo à leitura disponibilizam informações e publicações para ajudar os pais e cuidadores a adotarem o hábito de ler para as crianças desde a primeira infância. Conheça algumas sugestões disponíveis na internet.

Fundação Itaú Social

www.itaubr.com.br/crianca

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

www.fmcsv.org.br

Radar da Primeira Infância

www.radardaprimeirainfancia.org.br

Instituto Fazendo História

<http://www.fazendohistoria.org.br>

Instituto Alfa e Beto

www.alfaebeto.org.br

Cartilha Primeira Infância, Primeiras Leituras

A Cor da Letra

<http://acordaletra.com.br>

A Pequena História dos Bebês e dos Livros

Ler é Saber

www.leresaber.org.br

Plano Nacional de Leitura (Portugal)

www.planonacionaldeleitura.gov.pt/lermaismfamilia/index.php

Ler mais em família



Livros acessíveis

Uma dificuldade enfrentada pelos pais e mães de crianças com deficiência é encontrar livros acessíveis. Para disseminar o conceito e a prática da leitura acessível entre crianças com e sem deficiência, a ONG Escola de Gente – Comunicação em Inclusão desenvolve o Projeto “Todas as Pessoas Têm Direito a Conhecer Todas as Histórias”⁴, cujo foco é a formação de educadores para o trabalho com livro em formatos acessíveis e a oferta da vivência de múltiplas formas de leitura para crianças. “O ato de ‘ler’ deve dar conta de todos os modos de existir, independentemente de como essa humanidade se manifesta”, diz Claudia Werneck, fundadora da Escola de Gente.

A Fundação Dorina Nowill é outra organização que se dedica à publicação e à distribuição de livros infantis acessíveis – com letras ampliadas, texto em braille, imagens em relevo e áudios. Em 2015, a fundação lançou a Coleção Clássicos Infantis Acessíveis, que inclui histórias como Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, João e o Pé de Feijão e Os Três Porquinhos.

A Coleção Itaú Criança também conta com versão em braille e fonte ampliada e é oferecida gratuitamente durante a campanha anual Leia para uma criança.

Para saber mais sobre livros acessíveis:

Escola de Gente

www.escoladegente.org.br/leitura-acessivel/projeto-leitura-acessivel/

Fundação Dorina Nowill

www.fundacaodorina.org.br/o-que-fazemos/publicacoes/

4. O projeto tem como símbolo o livro *Sonhos do Dia*, publicado pela WVA Editora em nove formatos acessíveis: impresso em tinta; impresso em braille; livro falado com descrição de imagens; livro falado sem descrição de imagens; PDF; TXT; Daisy; filme em Libras e legenda e animação com audiodescrição e legenda.



Leitura desde a gravidez

Apesar de o feto não ter condições de entender o significado do que se canta ou se lê, ele percebe a intensidade e a característica do som, se é mais calmo ou rude, por exemplo. “De alguma maneira, a criança usufrui esse contato”, explica o neuropediatra Saul Cypel.

Segundo ele, a partir da 25ª semana de gravidez, o bebê já consegue “sentir” o som e ouvir a voz da mãe. Por isso, reage quando escuta canções e a voz dela. E nasce com essa memória. “Quando a mãe ou o pai coloca uma música, e o bebê responde, ele se mexe dentro da barriga, o que significa que ele escuta e já está em comunicação com a mãe, de certa forma”, ressalta Cabrejo Parra.

Uma evidência disso é a tradição existente entre certas comunidades ciganas de que, ao saber da gravidez, o pai componha uma canção para o filho e cante durante a gestação. De acordo com Patrícia Pereira Leite, de A Cor da Letra, estudos realizados após o nascimento revelaram que essas crianças conseguiam identificar a voz do pai entre outras vozes masculinas.

Por isso, é recomendável que os pais, quando se sentem à vontade, possam cantar cantigas de ninar, conversar e contar histórias para o bebê ainda na gravidez ou simplesmente conversar sobre ele com a mãe afetuosamente. E, claro, continuem com esse hábito durante toda a infância dos filhos.

Atitudes mais afetivas, como conversar com o bebê ou passar a mão na barriga, também são importantes. Segundo Saul Cypel, essas atitudes promovem a liberação de determinados neurotransmissores que acabam chegando ao feto pela circulação placentária.



Lendo para crianças com deficiência

De acordo com Ricardo Halpern, presidente do Departamento de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento da SBP, todas as crianças se beneficiam da leitura na primeira infância. As nascidas a termo, os bebês prematuros, aquelas com deficiência auditiva, todas. “Quanto maiores forem o estímulo e a busca por interação, mais a criança será beneficiada”, afirma.

Eduardo da Silva Vaz, presidente da SBP, dá um exemplo prático dos benefícios da leitura para crianças com deficiência. “Ouvi em um Fórum da Academia Brasileira de Pediatria, em Sergipe, o relato de um escritor que teve paralisia cerebral e nasceu com um grave déficit motor”, conta. “Quando a família percebeu que ele não articulava as palavras direito, mas entendia tudo, começou a ler para ele e pedia para que dissesse o que tinha entendido. Hoje, ele não escreve, mas dita seus livros para alguém digitar. Esse caso me deixou bastante animado”, relata, entusiasmado.

Também para o psicolinguista Cabrejo Parra, todas as crianças necessitam da linguagem como alimento para o seu desenvolvimento. Com as crianças surdas é preciso falar como se pudessem escutar, porque elas necessitam da gramática do rosto. Segundo o especialista, as crianças com deficiência precisam de ainda mais linguagem que aquelas sem deficiência. “Elas necessitam que os pais e as pessoas que cuidam delas tenham essa espécie de saber, porque precisam mais da linguagem. E a leitura é naturalmente uma das possibilidades de dar-lhes muita linguagem”, explica.





Cabrejo Parra relata que, em sua experiência no Centro Alfred Binet, em Paris, que atende crianças com dificuldades de linguagem, a leitura e a contação de histórias ajudam os pequenos pacientes a obter progressos consideráveis. “Já tivemos casos de crianças que não compreendiam o que falávamos com elas, como se as palavras fossem vazias. E, graças ao fato de lermos para elas em voz alta, contarmos histórias variadas, fazê-las brincar com outras crianças, rirmos com elas e nos ocuparmos delas, elas lentamente entraram no jogo da linguagem. Por isso, devemos aproveitar as possibilidades da leitura em voz alta. Ela pode abrir portas neurológicas, psíquicas e culturais”, declara.

Maria Virgínia Gastaldi, professora do Instituto Vera Cruz e formadora do Instituto Avisa Lá, aponta que os pais de crianças com deficiência devem agir da mesma forma que outros pais ao ler para os filhos, buscando um ponto de interação, fazendo a mediação entre eles e os livros. “É importante que os pais cuidem de estabelecer um ritual de leitura, com aconchego e afetividade”, diz.





Perguntas e respostas

“Faz diferença se é o pai ou a mãe que lê para a criança, doutor?”

“Devo deixar que o meu filho escolha sozinho o livro?”

“Posso substituir a leitura pela televisão?”

A partir do momento que você recomenda que os pais leiam para os filhos, essas e muitas outras dúvidas começam a surgir no consultório.

Perguntamos a diversos pediatras quais as principais questões dos pais e cuidadores em relação a esse assunto e, neste capítulo, especialistas respondem a cada uma delas.

Uma família é diferente da outra, assim como os profissionais. Não há respostas prontas, mas a experiência desses especialistas pode ser uma ajuda valiosa na prática.

Faz diferença se é o pai ou a mãe que lê para a criança?

“Não, ambos precisam estar presentes”, diz o neuropediatra Saul Cypel. Segundo ele, o ideal é que tanto a mãe quanto o pai tenham esse tipo de interação com a criança, mas não precisa ser ao mesmo tempo.

Devo deixar que o meu filho escolha sozinho o livro?

Segundo Saul Cypel, a criança pode escolher o livro, mas é importante que o adulto veja se é ou não adequado para ela. “É como acontece com os desenhos na TV”, compara.



Qual é a diferença entre ler para a criança, colocar vídeo ou mostrar a tela do celular para ela?

“A diferença principal é que durante a leitura o adulto está junto com a criança, e a prioridade deve ser para o contato com a outra pessoa”, esclarece Saul Cypel. “A mãe conta a história dos três porquinhos e pergunta, ‘Cadê o porquinho?’. A criança aponta, e a mãe repete a palavra. Assim, ela aprende que aquele desenho é a figura de um animal e que esse animal tem nome”, exemplifica Cypel. Segundo ele, o vínculo e essa interação com o adulto é que promovem o desenvolvimento.

Bebês prematuros também podem se beneficiar da leitura?

“As mães de bebês prematuros acham que eles não escutam. Muitas relutam até em colocar nome na criança. E o bebê se desenvolve pelo contato com o outro”, explica Miriam Guerra, terapeuta ocupacional e doutora em Saúde da Criança pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Segundo ela, é muito importante começar a dar estímulos para o bebê prematuro se desenvolver. Estímulos como ler, cantar e conversar. “A entonação, o ritmo... tudo isso é importante”, lembra a especialista. “Brincar ajuda no desenvolvimento de qualquer bebê”, diz.



Que cuidados precisamos ter ao ler para a criança com deficiência?

Segundo a psicopedagoga Nívea Fabrício, presidente da Associação Nacional de Dificuldades de Ensino e Aprendizagem (Andea), e a educadora Camila D'Amico, é importante observar as características de cada criança, como o seu grau de atenção e concentração. A leitura também deve ser feita de forma prazerosa e afetuosa.

Apesar de o estímulo ser muito importante, Saul Cypel lembra que é necessário ajustá-lo de acordo com a dificuldade de cada criança. Se ela tem 5 anos, mas o nível intelectual corresponde ao de 3 anos, por exemplo, isso deve ser levado em conta. “Senão, você corre o risco de enfatizar o fracasso, o que ela não pode fazer, e não o contrário”, alerta.

Toda criança se beneficia com a leitura de histórias?

“Sim, definitivamente. Mas, quanto mais vulnerável o contexto, mais ela se beneficia”, provoca Saul Cypel. Segundo ele, a interação bem conduzida é importante para todas as crianças, independentemente da condição socioeconômica dos pais ou das dificuldades que elas tenham. E não é necessário ter muitos recursos para isso. “Qualquer um pode cantarolar, cantar, dançar ou contar uma história para uma criança”, diz ele, que ressalta a importância de que as famílias sejam orientadas nesse sentido desde o pré-natal.



Como faço para prender a atenção do meu filho na história?

Há momentos em que a criança irá preferir outra atividade e tudo bem. A leitura deve ser oferecida de maneira prazerosa e lúdica, muito parecida com outras brincadeiras, deixando a criança à vontade para manusear o livro ou brincar de outra coisa enquanto ouve.

A criança tem o direito de escutar sem olhar para o livro, de participar com seu silêncio, perguntar ou conversar durante a escuta. E, se não gostar, pode interromper a história. Isso não quer dizer que ela não esteja desfrutando da leitura e do momento de interação. “É importante o adulto perceber até onde está bom para a criança, quando é hora de parar”, alerta a psicanalista Cristina Seguí, do Departamento de Psicanálise da Criança, do Instituto Sedes Sapientiae, de São Paulo. “Durante a leitura, a criança propõe o tipo de interação que deseja, desde manusear o livro, fazer o som dos bichinhos, dizer o nome dos personagens, até conversar sobre a história. O mais enriquecedor é que o adulto entre no jogo que a criança propõe, para ser um momento a dois prazeroso”, conclui.

É preciso ter muito tempo para ler para uma criança pequena?

Não é necessário muito tempo. O que mais importa é a qualidade da interação e que a atividade faça parte da rotina da criança. Alguns momentos serão para histórias curtas, outros para narrativas mais longas, de acordo com o tempo disponível e o interesse da criança. “O adulto precisa aprender a conhecer quem é aquele ser e como se relacionar com ele. Cada um é cada um. Não tem uma regra universal”, enfatiza a psicanalista Cristina Seguí. “Cada criança tem um interesse e um jeito pessoal de se relacionar com os livros. O bebê lambe o livro, a criança maior pede para repetir várias vezes a mesma história, outra criança quer conversar sobre o que é lido. As histórias alimentam a fantasia da criança e a fazem pensar”, conclui.



A leitura pode ajudar a regular a rotina, organizar a hora de dormir e acalmar meu filho nessa hora?

“Sim, a leitura ajuda no ritual do fim do dia”, reconhece a psicanalista Cristina Seguí. Segundo ela, esse tipo de atividade acalma, baixa a agitação, possibilitando um adormecer mais tranquilo.

Qual é a importância de ler para crianças pequenas em ambientes como abrigos, por exemplo?

“Hoje se sabe que para o bebê a troca afetiva é tão importante quanto os cuidados físicos para que ele se desenvolva com saúde”, responde a psicanalista Cristina Seguí. Segundo ela, a leitura é uma das atividades que vão propiciar essa interação com o adulto. “A história pode ser um instrumento muito gostoso de aproximar o educador do bebê, mas desde que seja gostoso também para o adulto”, diz ela. “Tudo o que vira uma tarefa mecânica, sem sabor, não pode ser considerada estimulante para o bebê”. No caso dos abrigos, Cristina Seguí, que também faz parte do Grupo Acesso, de estudos, intervenções e pesquisas sobre adoção, do Instituto Sedes Sapientiae, de São Paulo, considera importante a orientação de que haja em todas as equipes um adulto de referência para cada bebê ou criança pequena. “O foco primordial é a aproximação e a vinculação afetiva com o adulto cuidador. Estudos e pesquisas mostram que é isso que impulsiona os saltos que a criança vai dando durante o seu desenvolvimento”, conclui.









